

LITERATURA E HISTÓRIA EM PERSPECTIVA DIALÉTICA

Candice Angélica Borborema de CARVALHO*

BOSI, A. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013. 475 p.

Amplio é o espectro de assuntos, autores e pensadores enfocados por Alfredo Bosi em sua mais recente obra: *Entre a literatura e a história*. Mobilizando uma erudição espantosa, numa prosa fluente e precisa, os escritos reunidos no livro (ensaios inéditos, textos de conferência, aula, prefácios, entrevistas, artigos de intervenção) dão testemunho da vastidão de interesses, do juízo crítico atilado, da sensibilidade e do rigor investigativo que acompanham a trajetória substantiva de Alfredo Bosi como historiador, intérprete, pesquisador e professor no campo das Letras. Destaca-se nessa produção a prática de análise, calcada num movimento sutil e abrangente que conjuga o esforço da reflexão teórica e a sondagem do processo histórico, relacionando estrutura estética e dimensão existencial do texto literário.

O volume está organizado em oito seções: “Crítica literária: poesia”, “Crítica literária: ficção”, “Poesia e pensamento”, “História literária em três tempos”, “Ideologias e contraideologias”, “Intervenções”, “Entrevistas”, “O caminho percorrido”. Para finalizar, o prefácio a *O erro de Narciso*, de Louis Lavelle, no “Extraprograma”.

No ensaio de abertura, Alfredo Bosi sai a campo para defender a necessidade da poesia em face do caos imposto pela modernidade capitalista: “A poesia seria hoje particularmente bem-vinda porque o mundo onde ela precisa subsistir tornou-se atravancado de objetos, atulhado de imagens, aturdido de informações, submerso em palavras, sinais e ruídos de toda sorte. *Much ado about nothing*” (p. 10). Ao empreender uma leitura cerrada de textos fundamentais de poetas brasileiros, o autor explora o móvel existencial e a potencialidade de expressão do homem e do mundo que se aglutinam em torno da palavra lírica, descarnando de seu substrato simbólico a complexa combinação de sentimento, memória, imagem e som. Continuando no âmbito da poesia, seguem os escritos sobre Cecília Meireles, Mário de Andrade e

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14801-901 – candicedecarvalho@uol.com.br

Ferreira Gullar. Ainda, uma análise primorosa dos procedimentos estilísticos de João Cabral de Melo Neto indica suas proximidades com as técnicas pictóricas de Joan Miró, às quais o poeta consagrou um ensaio revelador. A abordagem examina a fundo os desdobramentos semânticos das relações entre “poética de superfície” e contraste de vozes na produção cabralina.

Os ensaios enfiados no segmento subsequente focalizam individualmente quatro escritores: Machado de Assis, de quem o crítico é consumado intérprete, Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Lygia Fagundes Telles. Em “Rumo ao concreto: *Memórias póstumas de Brás Cubas*”, as considerações iniciais discorrem estrategicamente sobre o método de análise e a interpretação do fenômeno literário. Com base nos conceitos matrizes de “círculo hermenêutico” elaborado por Leo Spitzer (na esteira de Schleiermacher e Dilthey), Alfredo Bosi passa em revista as variações direcionais da fortuna crítica do romance machadiano tendo em mira três registros analíticos e interpretativos: construção, expressão e representação. A linhagem “construtiva ou formalizante” (em que sobressai a abordagem de Sérgio Paulo Rouanet, no ensaio “Riso e melancolia”) procura vincular, por intermédio de relações intertextuais, traços estilísticos de Machado de Assis a influências literárias, principalmente de Laurence Sterne, em *Tristram Shandy*. Anterior à leitura formalizante e mais duradoura em termos da recepção crítica do romance, a vertente “expressiva ou existencial”, introduzida por José Veríssimo e Alcides Maia, é representada sobretudo pelas investigações de Augusto Meyer que, partindo da análise das manifestações do humor em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, atribui ao processo existencial radicado na figura do defunto autor (cabível de ser aproximado tanto do “homem subterrâneo” dostoievskiano quanto da personagem de Pirandello) a peculiaridade do projeto ficcional machadiano. Por fim, a leitura “representativa ou reflexiva” – que se estende desde a abordagem plekhanoviana do marxista ortodoxo Astrojildo Pereira (em *Machado Assis, romancista do Segundo Império*) até Roberto Schwarz (em *Um mestre na periferia do capitalismo*), passando pelo weberiano Raymundo Faoro (em *A pirâmide e o trapézio*) – concentra-se, com diferenças de tônica e estilo, nos laços inteligíveis entre texto e contexto.

Através do acesso retrocessivo ao percurso crítico de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Alfredo Bosi indica ao leitor os alcances, as contribuições, as vulnerabilidades e os limites das orientações formais, existenciais e sociológicas. Não desprezando nenhuma dessas vias nem tomando isoladamente cada versão como suficiente, sobredeterminante e monocausal, o autor encarece a leitura do romance ao expor a particularidade de sua visada crítica e método de análise. Trata-se da “dialética interdimensional”, que se define pelo percurso heurístico pautado pela integração progressiva e pelas relações recíprocas entre os três níveis (construção, expressão e representação), entendidos como instâncias fundamentais de toda obra literária. “A múltipla determinação converge para o conceito concreto,

ao passo que a determinação unilateral tende a uma leitura abstrata [...]”, postula Bosi (p. 74).

Disciplinadas na originalidade desse princípio analítico, integrativo por excelência, uma vez que nele se reconhece a perspectiva totalizante guiada pela confluência plurilateral das unidades de sentido formal, existencial e referencial, intrínsecas da produção ficcional em sua singularidade, desenvolvem-se as abordagens que se seguem. “Intimidade e assimetria: sobre um conto de Mário de Andrade” analisa “Nízia Figueira, sua criada”, que fecha o livro de narrativas de *Belazarte*. Apresentado o pano de fundo da história – São Paulo, capital provinciana contextual da decadência do café e da desintegração da sociedade escravista –, o ensaio explora a presença do realismo descritivo em chave crítica e moderna que caracteriza a escrita de Mário de Andrade e mostra o duplo e contrastante movimento de distância e proximidade que marca o processo narrativo em torno das personagens centrais: Nízia, a patroa branca, e Rufina, a criada negra. *Infância* é objeto do estudo consagrado a Graciliano Ramos; nele procura detectar os níveis que presidem à composição da prosa memorialista do romancista. Ao longo da análise, imbricam-se observações minudentes acerca dos procedimentos estilísticos e da dialética entre memória e historiografia, experiência individual e dimensão existencial que se projetam na escrita de testemunho de Graciliano. A descrição interna das personagens e o apuro de traços sociais acompanham lado a lado a sondagem do “realismo cru, cruel e cruento” que reponta da fragmentação do cotidiano na coletânea de contos *A estrutura da bolha de sabão* de Lygia Fagundes Telles.

É de assinalar a presença viva nas páginas do livro do pensamento gramsciano e do idealismo humanista de derivação hegeliana figurado por Benedetto Croce, a cuja estética da expressão Alfredo Bosi é caro. A propósito, sua formação em literatura e cultura italiana ganha corpo nos escritos coligidos na terceira parte, direcionados ao diálogo entre poesia e pensamento em Vico e Leopardi. Munido de uma orientação epistemológica realista, o primeiro distancia-se dos pensamentos cartesiano e barroco de seus coetâneos ao propor uma teoria da lógica poética fundamentada na tese de que, movido pela necessidade natural da sociedade primitiva, o processo de designação e proliferação semântica teria ocorrido por transposição, em particular pelos procedimentos de analogia (metáfora) e continuidade (metonímia). Decorrência fulcral da proposta viquiana, é poesia passar a ser concebida sob um estatuto antropológico estrutural. Com relação ao segundo, o estudo mostra como a condição existencial do jovem Leopardi – entregue ao contato assíduo com as fontes clássicas, como filólogo e tradutor dos Antigos – se estrutura em sua percepção de mundo e se manifesta no efeito estético de seus versos, tanto na tonalidade afetiva de suas canções iniciais quanto no pessimismo radical dos seus anos maduros.

Já na seção “Ideologias e contraideologias”, o autor empreende um percurso transversal pela historiografia (tomada na sua acepção ampla, que conjuga história social, história econômica e história política) das formações ideológicas na cultura brasileira. As relações entre literatura e ideologia são analisadas com base na revisão e no confronto de linhas do pensamento teórico vigentes em dois contextos. O primeiro deles, fins dos anos 1960, paralelamente ao surto do estruturalismo e ao retorno aos formalistas russos, é marcado pela revivescência do marxismo, método abertamente dialético que propunha a compreensão da função exercida pela estrutura social na composição literária. “E a ponte de mão dupla que permitia o acesso do social ao literário era a **perspectiva** assumida pelo autor” (p. 244, grifo do autor). Introjetado e difusamente materializado pelo escritor em sua obra, o componente ideológico intermediaria as relações entre o texto e o contexto histórico em que foi gerado: “Para qualificar a perspectiva que rege o texto, era necessário explorar as mediações entre experiência social, intersubjetiva, e escrita literária. O instrumento mediador mais visível se chamava **ideologia**” (p. 244-5, grifo do autor). A partir da década de 1970, com a ascensão da dialética negativa e do anti-irracionalismo individualista, a enrijecida lógica sobre as quais se assentavam as concepções teóricas totalizantes é radicalmente subvertida. As bases do materialismo histórico ortodoxo que fundamentavam a sociologia convencional da literatura são reviradas pela emergência do pensamento de Walter Benjamin e da dialética negativa de Adorno e Horkheimer, os frankfurtianos. Eis a principal consequência da teoria crítica: “A arte não mais espelho da sociedade, mas a arte *versus* sociedade: a arte enquanto crítica” (p. 246). Contemporaneamente, o ideal de uma teoria científica unificadora sofreu abalos de múltiplos lados: a semiologia prazerosa do texto de Barthes, os manifestos de Marcuse em *Eros e civilização* e em *O homem unidimensional*, as filosofias de cultura definitivamente não marxistas, como a antipsiquiatria demolidora das instituições feitas por Michel Foucault e o desconstrutivismo de Derrida.

Em vez de precisar respostas globais ao modo como a passagem da modernidade industrial para a cultura de massas teria efetivamente influenciado nas transformações do tratamento dado às relações entre literatura e ideologia, Alfredo Bosi constata as conquistas e analisa criticamente os limites, deturpações e extremismos legados pelos usos das diferentes orientações teóricas nos referidos contextos. Com isso, o ensaio dá um passo adiante, confrontando literatura e ideologia e rastreando como esses dois domínios concebem e formalizam a experiência intersubjetiva. A análise culmina no paralelo entre ideologias e teorias, cujas afinidades e diferenças são esquematicamente contrastadas por intermédio de tópicos. Os demais escritos que compõem a seção procuram reconstituir e compreender o conteúdo concreto e pragmático da difusão e do processo de enraizamento do liberalismo europeu no Brasil ao longo do século XIX. A partir da concepção marxista das ideologias, são

discutidos temas como as ideologias e os discursos do poder, a fusão da doutrina liberal com o escravismo e suas implicações na formação da ordem social e política nacional, a oposição entre liberalismo e democracia social. “O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração” expõe os efeitos da militância ortodoxa positivista no Rio Grande do Sul nos rumos da política central a partir de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Encerram o segmento dois textos que discutem separadamente a herança marxista na obra crítica de Mariátegui voltada para a problemática do indigenismo peruano e os lastros do pensamento teórico e das ações práticas do economista Celso Furtado no conjunto de sua obra autobiográfica.

Tais escritos abrem-nos caminho para a leitura dos artigos de intervenção. Neles, travamos contato com manifestações diversificadas e abordagens diretas – sem muitos volteios ou sutilidades, nem por isso pouco adensadas – que temperam a atitude de resistência e inquietação com a percepção aguda e a postura reflexiva de Alfredo Bosi no trato de assuntos candentes consubstanciados na experiência brasileira das últimas décadas.

Embora não obedeça explicitamente a um encadeamento temático, a disposição dos textos segue linhas de afinidade. Em “Teologias, sinais dos tempos”, a incursão pela teosofia cristã (em que se revisitam noções basilares do pensamento agostiniano e tomista) serve ao autor de âncora para aviar o debate sobre a esquerdização do catolicismo e trazer à tona o papel da Teologia da Libertação na descolonização do Terceiro Mundo entre os anos 1960 e 1970. Mergulhados no mesmo contexto, os artigos subsequentes fazem ressoar “[...] os corredores tantas vezes mal iluminados da memória [...]” (p. 349) ao apontarem para o pós-64. “A memória é, na metáfora corpórea de Santo Agostinho, o ventre da alma. Lembrar é saber de cor. Cor de coração. É o coração que lembra primeiro. Mas cor é também a raiz da palavra coragem. Memória, sentimento e coragem são palavras imbricadas” (p. 349). Esse tom especulativo no arranjo de ideias, tão característico ao estilo de Bosi, se faz sentir em sua leitura de *Batismo de Sangue*, em que Frei Betto relata o período mais tenso da ditadura militar ao destrinçar o episódio obscuro do assassinato de Carlos Marighella pela repressão e reviver a trajetória de resistência de Frei Tito. Ainda com respeito a esse período, os textos que tratam da militância intelectual e política de Jacob Gorender e da atuação junto à USP do estudante Alexandre Vannucchi Leme, torturado e morto pelos órgãos policiais da ditadura. São enfrentadas outras questões éticas, sociais e políticas de envergadura, como a concentração fundiária, o uso do programa nuclear como recurso energético e os impasses na educação.

O bloco de entrevistas permite ao leitor o acesso aos perfis e itinerários de Otto Maria Carpeaux e Celso Furtado. Sem recair em esquematismos, o autor mapeia obra de Carpeaux, traçando as coordenadas que subjazem na tendência universalista de sua proposta ensaística: a combinação entre visada culturalista

(alicerçada em métodos históricos, advindos dos grandes sociólogos alemães do século XX em diálogo com o historicismo de Dilthey), procedimentos da estilística (inspirados em Vossler, Spitzer, Auerbach e no espanhol Dámaso Alonso) e categorias tomadas à dialética de cunho hegeliano-marxista. Segue o depoimento cedido pelo autor ao setor cultural do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Numa linguagem didática, é esboçada em tópicos a historicidade dos processos econômicos segundo as convicções de Celso Furtado, cuja tônica incide no emprego criativo da tecnologia, da política e do planejamento de Estado em países subdesenvolvidos ou dependentes.

Como se vê, na rigorosa articulação das seções que compõem o volume, o leitor encontrará não somente a súpula de toda a obra anterior de Alfredo Bosi, mas a coerência de sua identidade intelectual e a reiteração de suas convicções nas mais variadas abordagens que transitam *Entre a literatura e a história*. Por fim, “O caminho percorrido”; nele, o olhar do autor, em retrospecto sobre o percurso de sua formação humanista, deixa entrever as bases da perspectiva integrativa e ampliada de que se alimenta a disposição universalista de sua personalidade crítica.

